

# Validação didática de sequências didáticas de gêneros e sequências de formação docente produzidas em mestrados profissionais

Eliana Merlin Deganutti de Barros

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), elianamerlin@uenp.edu.br

## INTRODUÇÃO

O processo de elaboração de materiais didáticos tem sido impulsionado, no contexto brasileiro, pela obrigatoriedade de produção de Produtos Educacionais (PE), pelos mestrados e doutorandos de Programas Profissionais da área de Ensino ou de outras com forte adesão didática, como é o caso da área de Letras e Linguística. Nos dois Programas em que atuo – em Ensino (PPGEN) e em Letras (PROFLETRAS) –, os estudantes devem desenvolver uma pesquisa interventiva, de cunho didático, que resulte em um PE. A maioria dos PE dos meus orientandos têm se fundamentado na metodologia das sequências didáticas de gêneros (SDG) (Schneuwly; Dolz, 2004; Barros, 2020) e nos preceitos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, 2003). O objetivo deste trabalho é apresentar resultados parciais de processos de validação didática (Dolz, 2020, 2022) de SDG e sequências de formação docente (SFD) elaboradas por mestrados, com foco na didatização de gêneros de textos diversos.

## METODOLOGIA

A categoria macro que orienta as pesquisas apresentadas é a validação didática (VD) proposta por Dolz (2020, 2022). A VD pode auxiliar na organização da progressão, para que o currículo adotado seja pragmático e operativo (Dolz, 2020). O autor apresenta cinco princípios para orientar o processo de VD: legitimidade quanto às dimensões do objeto de ensino; coerência com relação à proposta metodológica; pertinência em função das necessidades dos alunos; viabilidade quanto ao contexto; e impacto do ensino nas aprendizagens dos alunos.

Nas pesquisas desenvolvidas nos dois Programas Profissionais supracitados, temos utilizados esses princípios no processo de VD, tanto no nível da transposição didática externa (passagem dos saberes teóricos/sociais a saberes a ensinar) como da transposição didática interna (passagem dos saberes a ensinar a saberes ensinados e/ou aprendidos).

O primeiro exemplo apresentado focaliza a VD de uma SDG (carta de reclamação) no âmbito da transposição didática externa, ou seja, antes da intervenção didática. O princípio norteador é a coerência quanto à metodologia das SDG, conforme proposta inicial do material didático. O recorte analítico privilegia duas categorias, previamente selecionadas durante a pesquisa exploratória: o princípio de ensino ancorado na indução e a variação das atividades na SDG (ver Barros; Corrêa, 2023).

O segundo exemplo dá ênfase à VD de uma sequência virtual de formação docente (SVFD), desenvolvida no ano de 2021, na modalidade a distância. Como objetos de aprendizagem e, consequentemente, de formação docente, foram selecionados o gênero artigo de opinião e a SDG. Como estratégia metodológica, a SVFD se estruturou como uma metassequência didática, uma vez que a SDG foi tomada tanto como objeto de ensino como base para a elaboração metodológica da SVFD. Para a VD, foram tomadas como categorias os princípios de legitimidade (quanto às dimensões dos objetos de ensino – o gênero artigo de opinião e a SDG); coerência (com relação à proposta metodológica, ou seja, uma metassequência didática que, ao mesmo tempo em que traz o SDG como objeto de formação docente, também utiliza seus princípios teórico-metodológicos como suporte para a planificação das atividades de formação); viabilidade (quanto ao contexto de implementação didático – modalidade a distância) (ver Belinelli, 2022).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Validação da SDG da carta de reclamação

O planejamento da SDG da carta de reclamação teve início com a elaboração de uma sinopse, sistematizada a partir da divisão da sequência em 15 oficinas, cada qual com os seus respectivos objetivos e atividades. Diferentemente de Dolz *et al.* (2018), que tratam o dispositivo *sinopse* como uma construção *a posteriori* da intervenção didática, na nossa pesquisa, essa ferramenta é utilizada na textualização do plano geral da SDG. A versão final da SDG, após o processo de validação didática, em forma de Caderno Pedagógico, encontra-se em Corrêa e Barros (2021).

Para análise da coerência metodológica, foi selecionado, primeiramente, como categoria da VD, o *princípio de indução*, o qual consiste em: “[...] conduzir e orientar os alunos para que descubram os novos saberes e se apropriem das habilidades indispensáveis para a realização de uma tarefa” (Pasquier; Dolz, 1996, p.6) e se opõe aos métodos transmissivos tradicionais. Esse princípio foi observado, no processo macro de análise, na seguinte dinâmica de desenvolvimento dos conteúdos de ensino: leitura e análise de textos, com foco em objetos elementarizados do gênero; atividades de sistematização de tais objetos e institucionalização da aprendizagem.

Na oficina sobre o plano textual global do gênero, por exemplo, a progressão das atividades segue uma lógica indutiva, com o intuito de levar o aluno a compreender a organização do gênero em foco. As primeiras atividades são a leitura e a análise de uma carta de reclamação, para a compreensão do plano textual global do gênero. A segunda trata-se de identificar a estrutura da carta, a partir de alguns elementos pré-estabelecidos. Já a última atividade consiste em sintetizar a aprendizagem adquirida na oficina por meio da produção textual de um organograma. Assim, diferentemente de métodos expositivos e transmissivos, de mera reprodução e memorização, a SDG prima pela construção do conhecimento, valendo-se da análise, da reflexão, no intuito de levar o aprendiz a uma autorregulação.

Quanto à segunda categoria, a *variação dos tipos das atividades*, os autores genebrinos destacam que a diversificação das atividades nas oficinas é importante, pois possibilita que o aluno tenha mais sucesso na aprendizagem, devido ao contato com instrumentos diversos. Na SDG analisada, tabulamos 17 tipos de atividade, categorizadas e nomeadas pela pesquisa, isto é, não buscamos correspondência na literatura da área. A Tabela 1 mostra as atividades com o quantitativo e percentual de ocorrência e a(s) oficina(s) correspondente(s).

Atividades	Quantidade de vezes mobilizada na SDG / Percentual	Número da oficina
Análise oral de textos	2 – 3,7%	13
Quiz	1 – 1,9%	1
Produção de sínteses	9 – 16,6%	1, 2, 3, 5, 6, 7, 11, 12, 13
Apresentação de vídeos	5 – 9,2%	1, 2, 5, 8, 15
Banco de palavras	1 – 1,9%	11
Criação de e-mail	1 – 1,9%	14
Discussão oral	7 – 13%	1, 2, 5, 8, 9, 10, 11
Digitação de textos	1 – 1,9%	14
Preenchimento de lacunas	3 – 5,5%	2, 4, 10
Leitura e análise escrita	6 – 11%	2, 7, 8, 5
Leitura e análise oral	7 – 13%	5, 6, 7, 8, 9, 10
Leitura e reescrita	3 – 5,5%	11, 13
Pintura dirigida	1 – 1,9%	6
Produção simplificada	4 – 7,4%	7, 9, 15
Produção inicial	1 – 1,9%	4
Produção final	1 – 1,9%	13
Recorte e cole	1 – 1,9%	10
<b>TOTAL</b>	<b>54 / 100%</b>	

Tabela 1 – Tipos de atividade da SDG da carta de reclamação  
Fonte: Barros e Corrêa (2023).

### Validação da SVFD

Os resultados da VD da SVFD apontam que: a) o modelo de SVFD elaborado se configura como um protótipo vazado (ver Figura 1), que pode servir a um contexto macro de formação e ser adaptado para o ensino de diferentes gêneros; b) a proposta é coerente com os pressupostos teórico-metodológicos defendidos pelo ISD e contribui para a mudança de percepções e saberes dos professores em relação aos objetos de formação; c) a implementação da SVFD na modalidade a distância é viável, e a realização de atividades assíncronas e encontros síncronos se mostra relevante, uma vez que os cursistas têm a oportunidade de estudar individualmente e, depois, aprofundar as discussões em grupo, tirar dúvidas e obter feedbacks do que realizaram anteriormente (BELINELLI, 2022).

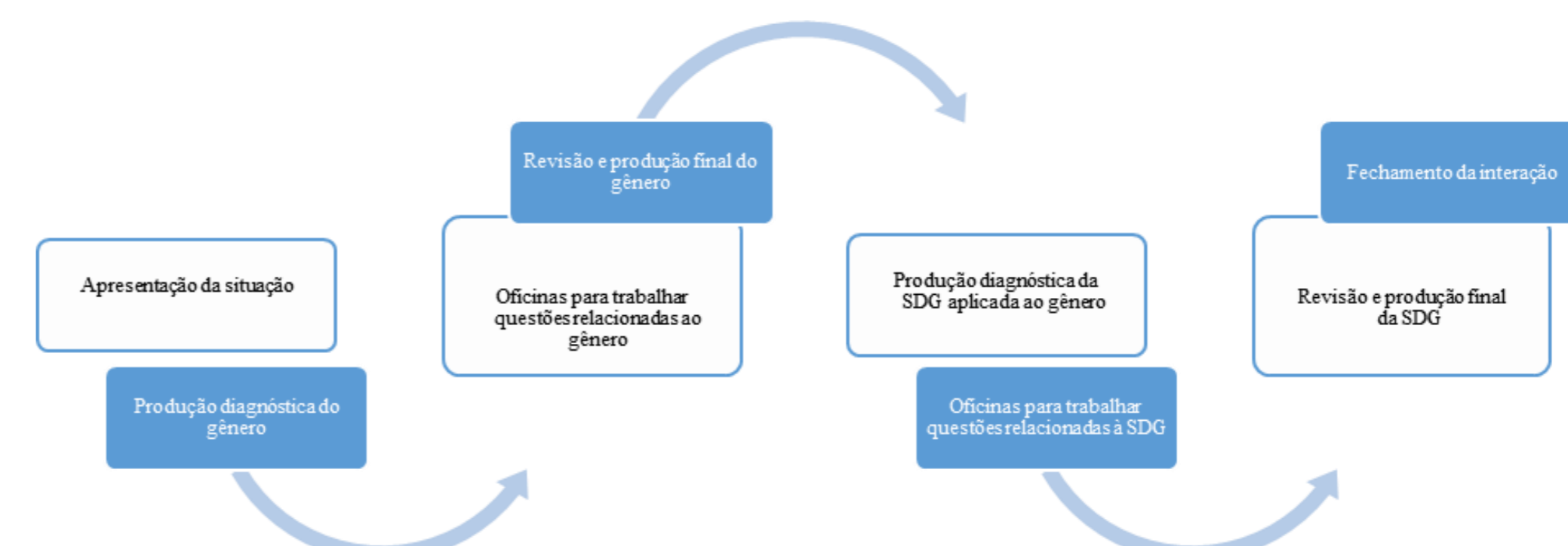


Figura 1 – Macroestrutura da SVFD  
Fonte: Belinelli (2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a validação de materiais didáticos (implementados ou não) de autoria própria, com respaldo teórico, em especial SDG, pode desenvolver uma metaconsciência sobre o processo de ensino, tão importante na formação docente. A metaconsciência, nesse caso, faz que o sujeito se projete para fora do processo produtivo, assumindo outro papel social – não mais de professor-autor do material, mas de analista. Isso faz com que ele, com aporte de lentes teórico-metodológicas, visualize o processo por outro prisma, com outros objetivos, desenvolvendo, assim, capacidades de autorreflexão tão caras para a formação docente.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, E. M. D. de. A metodologia das sequências didáticas de gêneros sob a perspectiva do conceito interacionista de ZPD. In: BRADILEONE, Ana Paula Franco; OLIVEIRA, Vanderleia da Silva. *Literatura e língua portuguesa na educação básica: ensino e mediações formativas*. Campinas: Pontes, 2020. p.127-144.
- BARROS, E. M. D. de.; CORRÊA, S. de A. Sequência didática do gênero carta de reclamação: validação com foco na transposição didática externa. *Entretextos*, Londrina, v.23, n.1 (especial), p. 77-100, 2023.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. reimpressão. São Paulo: EDUC, 2003.
- BELINELLI, G. P. *Sequência virtual de formação docente: o ensino do artigo de opinião por meio da metodologia das sequências didáticas de gêneros*. 2022. 258 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2022.
- CORRÊA, S. de A.; BARROS, E. M. D. de. *Sequência didática do gênero carta de reclamação: práticas de escrita cidadã*. Produto Educacional (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2021.
- DOLZ, J. Entrevista com Prof. Dr. Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra (Suíça). [S. l.]. 2020. 1 vídeo (1h31min30s). Publicado pelo canal *GP DIALE Diálogos Linguísticos e Ensino*.
- DOLZ *et al.* Chapitre 3: Méthodologie. In: DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane. *Former à enseigner la production écrite. Les Villeneuve d'Ascq*. France: Presses universitaires du Septentrion, 2018. p. 117-138.
- PASQUIER, A.; DOLZ, J. Um decálogo para ensinar a escrever. Tradução de Roxane Helena Rodrigues Rojo. *Cultura y Educación*, Madrid, n. 2, p.1-9. 1996.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.